

REGIS DE MORAIS (Org.)

Pontifícia Universidade Católica de Campinas — PUCAMP
Universidade Estadual de Campinas — UNICAMP

SALA DE AULA

Que espaço é esse?

DEDALUS - Acervo - FE

37.047
S159
5.ed.

Sala de aula :



20500032688

3/10/90

Biblioteca / FEUSP

2/10/90

Aula 10

Campinas: Papyrus, 1994.

A TURMA DE TRÁS

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO (*)

Na cabeça de quase todo mundo a sala de aulas admite espacialmente uma única oposição: a mesa do professor *versus* o lugar coletivo dos alunos. Necessária ou perversa, esta divisão ancestral dos lugares de ofício que ocupam esses cúmplices e rivais na sala de aulas tem sido ultimamente posta em questão, seja para criticar o verticalismo autoritário que ela enuncia, seja simplesmente para lembrar que chegou afinal o tempo de inovações arquitetônicas e pedagógicas quanto ao assunto.

Creio que a sala de aula é um espaço múltiplo que sempre comportou outras relações e oposições importantes e, no entanto, esquecidas por não serem possivelmente tão visíveis, do ponto de vista da ortodoxia pedagógica. É a respeito delas que desejo falar aqui. Mas pelo fato de que fui habitante costumeiro de uma de suas partes mais desvalorizadas e também porque desejo falar a partir de algumas memórias absolutamente pessoais, permitam que me apresente.

Eu, mau aluno

Meus pais se encontraram no Rio de Janeiro. Minha mãe veio de uma família gaúcha, pobre, de São José do

(*) Doutor em Ciências Sociais pela USP, professor da UNICAMP, poeta, autor de muitas obras antropológicas, pedagógicas e literárias.

Norte, que a despeito do nome fica próxima à fronteira com o Uruguai. Seu pai era farmacêutico e delegado. Conta minha avó que ele "gastou tudo na política". Quando morreu ela vendeu o que sobrou, pegou um navio com os quatro filhos e veio viver entre parentes no Rio de Janeiro. Foi dona de pensão (de muito respeito) no Leme e minha mãe trabalhou desde jovem. Meu pai nasceu em Mogi das Cruzes. Seu pai foi engenheiro da Central do Brasil e se chamava Joaquim Augusto Suzano Brandão. Embora não tenha feito nada de importante, acabou dando o nome à estaçãozinha que muitos anos depois virou a cidade de Suzano, em São Paulo. Os "paulistas" de minha família vieram aos bandos para o Rio de Janeiro e se estabeleceram em Copacabana, onde eu nasci em 1940 e onde vivi uma infância absolutamente feliz e mal comportada até os 10 anos, quando fui para a Gávea, viver uma adolescência melhor e menos alegremente confessável ainda.

Fui muito cedo para a escola, naquele tempo, creio que por volta de cinco ou seis anos. Estudei em vários colégios e até perto dos 18 anos fui um típico "mau aluno" carioca em todos eles. Depois, até hoje não sei bem porque, eu me converti. De um ano para o outro virei um estudante exemplar e foi assim que fiz o meu Curso Clássico no Colégio Andrews, na Praia de Botafogo (ele está lá do mesmo jeito, pintado com o mesmo cor-de-rosa e branco até hoje). As muitas peripécias da vida universitária entre 1961 e 1966 me devolveram a uma relativa lucidez, e eu vivi os meus anos de "PUC do Rio" a meio caminho entre o que havia sido antes e o que fora depois de minha virada de vida.

Mas como os "bons alunos" são exemplarmente chatos e em geral não têm nada para contar de efetivamente bom a respeito de sua vida de estudante, quero falar dos

meus tempos de freqüentador da "turma de trás" nas salas de aula. Falo, portanto, de um usuário também das antigas expulsões de classe, das listas de suspensão, dos candidatos costumeiros a "conversas com o diretor", do "pessoal da segunda época" e dos eventuais "reprovados".

Se narro sem muitos detalhes alguns momentos de minha inesquecível péssima trajetória de estudante de "primário e ginásio", é para emendar, a partir da segunda parte desta conversa nada exemplar sobre a sala de aula, algumas reflexões também nada ortodoxas justamente sobre ela.

Não me lembro bem de todos os colégios por onde andei. Foram muitos e de todos os tipos. Primeiro estive no *Colégio Paulista*, que parece que ficava em algum canto perto da Praia de Copacabana. Dele só me lembro de algumas "festinhas" que, sendo escolares e, ainda por cima, "paulistas", nunca foram muito animadas. Depois andei pelo Guy de Fontgaland, também em Copacabana. Um colégio católico extremamente caridoso. Ainda fui do tempo em que aluno com boletim execrável ajoelhava em carço de milho no estrado do professor. Vinha um padre e ia distribuindo os boletins por ordem decrescente de classificação. Mês sim, mês não, ele acenava pra mim o último boletim e me apontava o estrado maldito. Mas o colégio tinha uma prática invejável. No fim do ano, dos primeiros aos últimos alunos, todos ganhavam alguma coisa. Os três primeiros medalhas de ouro; até os sete seguintes, medalhas de prata; até perto dos cinco últimos, medalhas de bronze (ganhei delas, orgulhosamente, uma vez); a turma da lanterna ficava com pequeninos santos amarrados em fitas verde-e-amarelas. Eu tinha uma pequena coleção delas. Depois fui para o colégio São Bento, no centro da

cidade. Uma glória para a família, mas por pouco tempo, porque nele eu colecionei todas as punições dignas de uma memorável instituição beneditina. Ao final do meu segundo ano ali, meus pais receberam uma carta gentil que pedia a eles que por favor não me rematriculassem lá no ano seguinte. Era a forma mais polida do que, ao tempo, se chamava de "expulsão da escola". Sorte minha, não fosse o imenso pesar de meu pai, que nunca se acostumou a ver no filho o espelho invertido do que ele foi quando estudante.

Sorte, porque eu fui aceito no Colégio Andrews. Finalmente um colégio leigo, com menos espaços e cantos escondidos para as farras ocultas, mas ao mesmo tempo sério e mais tolerante. Pela primeira vez, também, eu ingressava em um "colégio misto", uma das melhores invenções da pedagogia ocidental. Estudei lá vários anos; dei muito trabalho, bem sei, mas aos trancos e às custas de "segundas épocas" ia passando e completando aos poucos o "ginásio". Saí um ano antes para ir estudar de novo em Copacabana, agora no Mallet Soares, porque havia ali, no começo da noite, um "cursinho preparatório" de candidatos aos colégios militares das três armas: o "Naval", as academias do exército e a Escola de Cadetes do Ar, em Barbacena.

Ninguém na família conseguiu até hoje explicar como um vagabundo de carreira, como eu, conseguiu ser aprovado para o Colégio Naval e para a EPC Ar. Minha parentela sempre gostou muito de ter engenheiros, médicos e oficiais de marinha. Mas eu consegui ser moderadamente rebelde uma vez mais e acabei resolvendo ir para a "aeronáutica", contra a vontade de todos. Acho que era o mais lúcido da família. Jamais saberia comandar um navio, mas um avião lá em cima,

sozinho, dono de mim, arriscado a tocar com as mãos às estrelas... isso fazia o meu estilo.

Vivi na EPC Ar, onde fui o "5621 — Brandão", um tempo de trotes violentos e brincadeiras entre nós não menos furiosas. Tínhamos que ser duros e "machos" a todo o custo. Não sei se consegui, mas aprontei de novo grandes farras, dentro e fora das salas de aulas. As punições na escola eram as seguintes: *sustamento* (não poder sair dos limites da EPC Ar no fim-de-semana); *detenção* (não poder sair nem do reduto dos alojamentos nos mesmos dias); *prisão* (ficar detido em uma casa especial, nas horas livres e durante a noite, tantos dias úteis ou fins-de-semana quanto atingisse a pena indiscutível do oficial de dia). Fui useiro das três. Até 20 dias de prisão o aluno permanecia no "bom comportamento", ao completar o 21.º ingressava no "insuficiente comportamento" ("insulfa", para os íntimos), ao completar 30 dias "de cadeia", o aluno ingressava no "mau comportamento" e era automaticamente "excluído da escola". Terminei o meu primeiro e único ano "de militar" com 23 dias de cadeia e reprovado ("répi", também para os íntimos) em matemática, física e espanhol (o professor era maluco).

Qualquer das punições usuais era terrível, não pela "mancha" que deixava "na ficha do aluno", mas porque depois de uma semana duríssima, com aulas intragáveis, ginásticas para animais e ordens unidas absolutamente aborrecidas, o paraíso era a pequena e cativante Barbacena, com tantas moças tão bonitas e com três "casas de zona" razoáveis, para o poder aquisitivo de alunos que, como eu, fora o "soldo mensal" do governo, recebiam muito pouca "ajuda de casa". Os seus nomes eram: Casa Verde, Navio Negreiro e Cabana do Pai Tomás. Aos sábados saíamos vestidos de terno e

podíamos beber moderadamente (muitos voltavam na glória do "porre," pulando os muros detrás) e "ir à zona". Devíamos então passar na enfermaria e pedir ao enfermeiro de plantão um "profil". Era um envelope branco com uma camisa de vênus, uma pomada profilática com as armas da república impressas e uma meia folha de papel com as instruções higiênicas para "antes, durante e depois de". Ninguém as seguia, porque isso seria uma verdadeira vergonha. O profilático nós usávamos para bordar de molecagem a pala do quepe dos colegas, na calada da noite. As camisas eram infladas como balões e enfeitavam os cantos de uma das três "casas", quando além de irmos a ela fazer "o que todo homem faz", resolvíamos dedicar meio sábado a "fazer zona na zona", que consistia em beber pinga por lá, dançar com "as moças da casa" e soluçar mágoas para algumas putas mais velhas, reconhecidamente as melhores conselheiras da cidade. Não escritas no "Projeto de Regimento do Corpo de Alunos", havia quatro regras básicas para os frequentadores "do baixo meretrício": 1.^a) passar em silêncio e com respeito pela rua da Vila dos Oficiais (caminho obrigatório para chegar às três casas); 2.^a) não provocar brigas com os civis; 3.^a) em absoluto, não apanhar dos "paisanos", caso houvesse briga; 4.^a) não pegar doença venérea. A primeira era sempre obedecida. A segunda muitas vezes não. A terceira era a menos perdoável, se ocorresse. A quarta se corrigia com a confissão voluntária ao médico de plantão e o confinamento na enfermaria até a cura completa.

Aos domingos saíamos fardados. Um bando de jovens pássaros vestidos de azul, a quem então se permitia estar apenas pelo centro da cidade ou outras áreas "de respeito"; ir a um dos dois cinemas familiares (O Apolo só aos sábados, porque era "mal frequentado" e

ponto de encontro com "camofas", as "moças perdidas" do lugar); frequentar os bailes do Hotel Palace, ir à mina e, finalmente, girar com namoradas pela praça. Um saco!

Nas férias de meu primeiro ano eu fraturei gravemente a espinha mergulhando em um ribeirão em Itatiaia. Fiz uma séria operação no Hospital da Aeronáutica, fiquei sete meses engessado e escapei da vida e do "serviço militar". Quando fiquei bom, voltei lá e mergulhei do mesmo lugar (agora com mais inteligência); virei escalador de montanhas e, depois, guia de escaladas; voltei ao Colégio Andrews e me tornei, como disse no início, "aluno exemplar". Inconformados com a minha "mudança", os amigos queridos da Rua Cedro, na Gávea, dizem até hoje que a culpa de tudo foi a pedra do rio onde bati com a cabeça.

Fiz o "clássico" no Andrews e, no último ano, acabei resolvendo fazer "cursinho" para Engenharia Florestal. Descobri dois meses antes que tinha uma inteligência limitrofe para matemática, física, química e biologia, as "matérias do vestibular". Fiz concurso para "Filosofia na PUC", passei muito bem, mas no ano seguinte ingressei no Curso de Formação de Psicólogos. Hoje sou antropólogo e passo metade do meu tempo "livre" investigando "comunidades camponesas" de Goiás, Minas e São Paulo.

Eternizar o recreio

Para os antigos habitantes das últimas carteiras da sala de aula, o melhor do colégio sempre foi "a hora da saída" (ah! Inesquecíveis bondes que iam do Flamengo à Gávea, arrebanhando, de colégio em colégio, moças, rapazes e namoros). Depois, o melhor era o "recreio".

Pior que a hora da "entrada no colégio", só mesmo a da "entrada na sala de aula". Por isso sempre houve entre eles o empenho seríssimo de trazer para ela o que era possível do espaço e da "vida do recreio".

Mas antes de descrever como isso era feito, não raro com riscos heróicos que os "bons alunos" jamais compreenderam, creio que seria útil descrever como o *corpo de alunos* era diferencialmente distribuído no *espaço da sala*, naqueles tempos. Muita coisa não terá mudado em muitos colégios.

Em alguns a distribuição era aleatória e era neles que, com mais facilidade, aqueles em que a vocação do prazer costumava ser maior do que o desejo do estudo, reuniam-se pelas últimas carteiras, às vezes individuais, outras vezes duplas. Ficavam então as "primeiras" para os alunos "sérios" e estudiosos, a quem a proximidade sagrada do professor e do quadro negro era absolutamente indispensável. Curioso que em alguns colégios este costume de distribuição espacial tornava-se a regra. Os "bons alunos" eram convocados à esfera olímpica da intimidade com o professor e os "outros" eram forçados a distribuírem-se da metade para trás.

Mas havia certos colégios e professores que, pelo menos por momentos, procediam às avessas. Não que exilassem os alunos estudiosos para as "filas de trás". Mas eles convocavam alunos "problemas" a virem para as primeiras carteiras: suprema desonra para um bagunceiro de carreira. Ser vigiado de perto, ter que fingir um difícil bom comportamento e, por certo, perder prestígio entre os companheiros.

No princípio colégios mistos separavam os meninos das meninas, uns à direita da sala, outros à esquerda. Mas não me lembro de situação escolar alguma em que houvesse entre as meninas uma divisão de "classe" den-

tro da sala, como entre os meninos. Fora exceções notáveis, todas elas eram boas ou médias alunas. Por isso mesmo, quando rapazes e moças puderam começar a sentar juntos na sala de aula, como no Andrews ou no Mallet Soares, não era recomendável a uma menina ir habitar os redutos perversos perto da "parede do fundo".

Tempo de glória maravilha, porque sobretudo depois da idade em que as meninas deixam de ser coletivamente "umas chatas" e se tornam individualmente interessantes e cobiçáveis, passava-se aos poucos da "bagunça" para a paquera (nome que não existia no meu tempo, mas para o qual não me lembro de um equivalente). Ah, os esforços feitos para sentar ao lado, se possível, se não pelo menos perto de uma menina bonita a quem se queria "namorar". Os olhos vigilantes de alguns professores e as regras sexuais do tempo evidentemente impediam qualquer experiência mais ousada; as moças dos meus colégios eram socialmente recatadas, mas corria entre nós notícias de que nos colégios "pagou-passou", tinha até meninas que "deixavam passar a mão", delícia impensável no Andrews.

Claro que as pessoas mais amigas "fora da sala" e às vezes além do colégio costumavam sentar perto e formavam pequenas tribos no território inter-tribal da sala de aulas. Assim como — porque insistir? — os "cú de ferro" (perdão) formavam pares ou grupos quietos perto da mesa do professor. Às vezes, grupos rivais entre os "de trás", ocupavam espaços separados nos cantos longe do professor.

Voltemos aos termos do início. O recreio do meu tempo, no Andrews pelo menos, no São Bento e na EPC do Ar, era muito divertido. Havia jogos permitidos e conversas alegres sob as vistas dos inspetores. Mas nos recantos ocultos — parques, mato, retiros e fundos de

muros no São Bento e na EPC do Ar, o amplo "canto do Banheiro" no Andrews — havia de tudo. Ali, se fumava às escondidas, ali se marcavam as brigas que a diplomacia da molecagem estudantil não conseguia resolver, ali se liam os "livros de sacanagem" (não havia revistas idem, naquele tempo) e volta e meia alguém organizava até um "campeonato de punheta" (= masturbação, ganhava quem gozava primeiro, sem truques, de preferência).

A missão dos alunos de trás não era fácil. Transgredir com sabedoria as regras de "comportamento" estabelecidas pelos regimentos dos colégios para as salas de aulas, e cuidadosamente protegidas pela trindade maldita: diretores, professores, inspetores. Na aeronáutica recebíamos o professor com um rápido e preciso levantar da carteira em posição de sentido, até que ele comandasse: "à vontade". À vontade coisa nenhuma: silêncio absoluto, obediência e empenho no estudo. Nos colégios religiosos, assim como na própria PUC do Rio, quando o professor era padre, o recebíamos ficando de pé e orando uma "Ave Maria". Nos leigos simplesmente ficávamos de pé, sem sentido e sem fé.

Mal sentados, enquanto os das filas da frente abriam livros e cadernos, os das de trás começavam a praticar as artimanhas do prazer, combinadas desde antes, no intervalo, ou resolvidas ali mesmo, *ad hoc*. Não sei bem como classificá-las, mas poderia tentar: a) bagunça pura e simples; b) conversa fiada; c) jogos e diversões; d) transgressões intelectuais. Haveria mais alguma?

Claro que não éramos perfeitos. Pelo menos os menos "incorrigíveis", de vez em quando "copiavam a matéria", principalmente quando se anunciava que ela

"caia na prova", fingiam atenção por momentos, e até a praticavam volta e meia. Bagunça pura e simples era o mais arriscado, porque o mais visível e, portanto, passível de punição. Imitar um galo cantando, por exemplo, soltar uma gaiivota na sala, atirar bolinhas de papel molhado com saliva na cabeça dos outros, levantar a tampa da carteira (algumas tinham) e soltá-la violentamente, levantar a mão e fazer uma pergunta absolutamente imbecil ao professor, levantar do lugar e fazer, em cena, uma "palhaçada" inesperada, etc.¹¹

A categoria "conversa fiada" era a mais usual e medíocre. Falávamos, todo o tempo, de tudo o que não fosse sério. Assuntos como futebol (havia enormes rivalidades e nas segundas-feiras nada mais deplorável do que ser torcedor "de um time que perdeu"), sacanagem desbragada, tipos de meninas e modalidades de suas permissividades (tinha gente que tinha listas de vários colégios das redondezas), namoros (quando já andáva-

1. (única). Mas já éramos uma geração decadente. Nossos pais na Rua Cedro contavam, de seu tempo de estudantes, histórias absolutamente invejáveis. Grandes conflitos entre colégios inteiros, como os do Pedro II versus Colégio Militar; grandes bagunças de recreio que envolviam quase todo o corpo de alunos de um colégio inteiro (chegamos a fazer isso, moderadamente, no Andrews); grandes algazarras de toda uma "classe", que se insurgiam coletivamente contra a norma da ordem, por minutos gloriosos que fossem, ou contra um professor "carrasco". Conto um caso exemplar, mas no final da história traio os meus companheiros de destino escolar e louvo a inteligência do professor em questão. Passou-se no Pedro II, nos seus melhores tempos, segundo quem contou. Antes da aula de um professor de Matemática (de resto, conhecidíssimo), a primeira do dia, os alunos introduziram por um portão de trás do pátio do colégio, um burro. Conseguiram a custo colocá-lo no centro da sala de aula, no círculo que abriram com o empurrar de carteiras. Ficaram espiando os acontecimentos futuros pelas frestas de janelas fechadas. O professor veio, viu o que havia. Se se espantou, disfarçou. Fez a chamada como de costume, escreveu no quadro negro a síntese da matéria e deu a aula inteira, palavra por palavra. Terminada, virou-se para o atento animal a quem dirigiu o ensino, todo o tempo, e disse: "agora você vai e avisa aos seus colegas que a aula de hoje é matéria para a prova de amanhã".

mos mais velhos e mais decadentes; alguns começavam a ficar quietos e até migravam pelo menos para a zona neutra das "carteiras do meio", por exigência de uma eventual namorada "da mesma sala"), assuntos ligados a rivalidades entre grupos na sala ou no colégio, desmandos orais e ameaças de brigas entre dois colegas, ali mesmo, mas sempre adiadas para o recreio e realizadas nos cantos omissos ou no recanto do banheiro, no Andrews, com assistência e todo o ritual. Tais eram os nossos assuntos de preferência.

Nos jogos e divertimentos é onde havia mais inventiva. Era mais ali do que em qualquer outra situação que trazíamos para a sala de aulas a continuidade do recreio. Havia jogos banais, "que até as meninas jogavam", como o "da velha" e semelhantes. Havia o futebol de carteira, que consistia em empurrar com petelecos uma bolinha de papel, ou um pequeno botão, em direção ao buraco das carteiras duplas onde, no tempo dos nossos avós, houve um tinteiro. Durante algum tempo, no Andrews, inventamos um campeonato de "cravar" no chão as canetas, então de penas afiadas nas pontas (pena de metal, nova geração!). O prejuízo era muito grande e a coisa durou pouco. Alguns jogos eram coisa de momento e duravam empolgadamente semanas ou até meses, como a "Batalha Naval". Havia também campeonatos. Jogo de "terreno": dividir com um traço vertical a carteira dupla, marcar com tinta um dos lados da borracha (também usada volta e meia para ser jogada com fúria na cabeça de algum "chato" das primeiras filas, que andasse nos dedando), jogá-la suavemente no lado do inimigo; se ela caísse do lado marcado você podia riscar uma fatia correspondente do terreno dele para o seu lado; ganhava quem deixava o outro "sem terreno". Colocar quatro lápis nas hastes horizon-

tais das carteiras individuais e fazer movimentos para a frente e para trás. Esta era uma brincadeira chamada automovinho, perigosa e próxima à categoria "bagunça". Havia outras, mas não seria fácil lembrá-las.

As "transgressões intelectuais" aumentavam à medida em que íamos ficando mais velhos e sérios. Ler livros de sacanagem; fazer desenhos do mesmo teor (tive amigos que foram e serão por certo, ainda hoje, verdadeiros artistas no ramo), escrever "jornalinhos" com fofocas e malandragens que circulavam gostosamente entre nós (vocações promissoras terão começado ali), redigir bilhetes de gozação entre colegas, ou, mais sérios e às vezes até comprometedores, às meninas.

Entre vítimas ou algozes, também os professores eram classificados pelo corpo de militantes da turma de trás. O mesmo ocorria com os funestos inspetores, quando eles ainda existiam em algum colégio, triste espécie em extinção. Valia também para diretores e outros funcionários diretos da hierarquia da ordem escolar.

Havia os professores temidos. Duros e francamente punitivos, rigorosos quanto à disciplina, vigilantes implacáveis das "colas", costumavam ser respeitados, e fazer "bagunça" ou colar em suas aulas e provas era um reconhecido ato de bravura, admirado em silêncio às vezes até pelos alunos mais "aplicados". No extremo oposto, havia uma categoria de professores tolerantes, seja porque eram, naquele tempo, emissários pioneiros de teorias e atitudes de "atividade e participação", seja porque simplesmente "não estavam nemi aí" quanto a questões de disciplina. Reservavam-se aos alunos diligentes das carteiras da frente e deixavam "o pau quebrar" do meio da sala para trás. Puniam moderadamente alguns desvios insuportáveis, mas em maioria eram hábeis em estabelecer uma relativa cumplicidade com

os "bagunceiros". No limite oposto deste extremo, havia até mesmo professores que, também moderadamente, incentivavam certas pequenas indisciplinas individuais ou coletivas. Pedagogicamente dividiam, então, com a própria turma de trás, o ritual da transgressão. Alguns, como um que se tornou famoso por muitos anos em todo o Andrews, ritualizavam momentos seqüentes de "aula série" com os de "bagunça organizada", e tomavam a seu cargo o controle da desordem, tornando-a um momento fértil da vida da aula.

Alguns professores eram tidos como "bons", mesmo quando severos. Falo aqui, com respeito, da categoria de sujeitos de docência, cuja capacidade de comunicar o saber da matéria era inteligente e atrativa o bastante para sobrepor, ao interesse da transgressão, o da atenção coletiva. Não houve turma ou colégio por onde eu tenha passado que não congregasse professores de praticamente todas as categorias, cujas diferentes mas previsíveis formas de interação com os diversos tipos de alunos, tornavam o rito das aulas uma coleção repetida de situações pouco variantes. Tal como eles próprios, suas aulas eram também, desde as primeiras semanas letivas de estudo, classificadas e exercidas pelo corpo de alunos. Havia as aulas chatas e severas; as severas, mas interessantes; as livres e chatas; as livres e interessantes; as intoleráveis e as de franca bagunça. É evidente que a composição dos termos dependia de mais fatores do que a pura e simples "personalidade" do professor, ou da qualidade afetiva de suas relações com o corpo de alunos. Assim, por exemplo, era muito mais difícil uma aula de História Geral ser "chata" do que uma de Matemática. A pior combinação sempre foi: um mau professor + severo nas aulas e terrível nas provas + de Matemática. A melhor combinação sempre foi: um professor

tolerante, "amigão", bom de prova + bom professor + de História ou Geografia. No entanto tive no Andrews um duro e sábio professor de Latim e um sábio e tolerante professor de Química que raramente precisavam "chamar a atenção" da turma de trás.

Em síntese, para os "maus alunos", o tempo de sala de aula sempre foi um dilema a resolver. Ele era necessariamente dividido entre um mínimo de cumprimento às tarefas escolares; um tédio infinito, quando o professor era temível e terrível o bastante para desafiar o nosso coletivo poder de transgressão (alguns ficaram famosos em todo o Rio de Janeiro) e as atividades, organizadas e criativas, de transferência dos princípios e práticas do "recreio" para a sala de aulas.

Aos olhos do observador formal (sempre uma ameaça nas diversas áreas da Educação) esta face tribal, desbragada e não visivelmente estruturada, como o são as "práticas de ensino", correm como inexistentes, ou são simplesmente profanas e profanadoras o bastante, para merecerem não ser consideradas. No entanto, na dinâmica cotidiana da sala de aula e mesmo da vida do colégio, este conjunto absolutamente ordenado, regrado e criativo de práticas escolares, autônoma e transgressivamente pedagógicas, interagia com as "atividades planejadas". Em boa medida, sempre foi da interação justamente entre esse lado livre e permissivo da iniciativa discente, e os mecanismos pedagógicos de controle docente, que a própria *vida real* da sala de aula se cumpria como uma realidade social e culturalmente existente, e não apenas pedagógica e formalmente pensada.

Alunos como eu fui durante muitos anos, eram em pouco tempo classificados, seja na cultura oral dos professores e outros agentes da ordem escolar, seja nós

autos oficiais e nos boletins escolares (onde as “notas vermelhas”, misturadas com as raras azuis davam a eles uma colorida alegria perversa que os dos “bons alunos” nunca ostentavam), como: “problemas”, “maus alunos”, “bagunceiros”, “indisciplinados” (este qualificador depreciativo era usadíssimo, antes que os orientadores educacionais inventassem outros mais suaves) e, por certo, assumiam a sua identidade.

As antigas (atuais?) repartições formais e espontâneas dos usos da sala de aula refletem internalizações de papéis escolares ou culturais trazidos para dentro da escola. Para nós, os da “fila de trás”, a oposição fundamental do lugar sagrado do estudo não era aquela entre o professor e os alunos, em geral, mas uma outra. Era uma divisão entre o lado da norma *versus* o lado da transgressão. Situados à frente (o professor de frente para nós todos, os alunos “aplicados” de costas) da sala, os ocupantes do espaço reservado ao cumprimento das tarefas previstas. Após a zona neutra dos estudantes do “meio da sala”, o lugar social da transgressão pedagógica. Não me tomem em termos absolutos. Durante todo o tempo desta descrição de memórias, chamei a atenção para diferenças e situações particulares.

Viva e atuante, a parcela relativamente transgressora estabelecia também os seus espaços, definia normas de relações entre os seus partidários; entre eles e os “outros alunos”; entre grupos de rivais; entre “meninos e meninas”; entre todos e o corpo de emissários da norma da escola. Um exemplo comum era a fidelidade à proteção do transgressor. Muitas vezes um ousado solitário, ou um par de “bagunceiros”, “aprontava uma”. O professor, voltado para o quadro, não sabia “quem fez”. Cobrava do criminoso a auto-acusação. Silêncio. Cobrava da classe a delação. Uns por fidelidade

às regras “da turma”, outros por temor ao seu poder de punição (os “maus alunos” são sempre mais fortes, mais violentos e mais criativos), o costume era que se silenciasse. Me lembro de várias vezes em que toda uma turma do Andrews, do São Bento ou do Mallet Soares era coletivamente punida, porque ninguém quis ou pode acusar um transgressor além “dos limites”. Não era uma possível punição física a maior ameaça. Quem, mesmo entre os menos recuperáveis, se atreveria a “bater numa menina?”. Era o risco da transgressão das normas estabelecidas, entre colegas, pelo círculo dos transgressores. O risco da perda de credibilidade, que recaía inevitavelmente sobre a pior das pessoas no mundo escolar de meu tempo: “o cagüeteiro”.

Divididos os espaços, internalizados os papéis, culturalmente estabelecidas e consagradas as identidades, constituídos os grupos e subgrupos entre colegas de ofício por um ano ou mais, a “classe” funcionava não como o corpo simples de alunos-e-professor, regidos por princípios igualmente simples que regem a chatice necessária das atividades pedagógicas. Ela organizava a sua vida a partir de uma complexa trama de relações de aliança e conflito, de imposição de normas e estratégias individuais ou coletivas de transgressão, de acordos (entre categorias de colegas, entre alunos e professores, entre professores “chapas” e a direção do colégio). A própria “atividade escolar”, como o “dar a aula”, “ensinar”, “fazer a prova”, era apenas um breve corte, no entanto poderoso e impositivo, que interagia, determinava relações e era determinada por relações sociais, ao mesmo tempo internas e externas aos limites da norma pedagógica.

Apenas em momentos breves, como os das “matérias interessantes”, ou o das aulas de professores excep-

cionalmente inteligentes e criativos, o que se fazia (se faz ainda?) no interior da sala de aulas, conspirava contra o desejo coletivo de crianças e adolescentes que, obrigados a suportá-la horas sem conta, por dias sem limite, durante anos sem fim, respondiam, produtiva e organizadamente, incorporando ao seu espaço o limite da possibilidade do prazer.

E eu penso que, em boa medida, todo o esforço, às vezes inteligente, outras desesperado, das pedagogias modernas, não quer mais do que aprender, com a sabedoria dos transgressores, os princípios e estratégias de relações entre as pessoas que tornem o domínio da norma escolar pelo menos suportável.

*Campinas, 8 de janeiro de 1986
sábado de Carnaval. (Quem diria?)*

SALA DE AULA: DA ANGÚSTIA DE LABIRINTO À FUNDAÇÃO DA LIBERDADE

NEWTON AQUILES VON ZUBEN (*)

Em um de seus ensaios Walter Benjamin relata a parábola de um velho que, no momento de sua morte, revela a seus filhos a existência de um tesouro enterrado em seus vinhedos. Pouco tempo depois os filhos põem-se a cavar, mas não descobrem qualquer vestígio do tesouro. Com a chegada do outono, porém, as vinhas produzem mais que qualquer outra da região. Só então compreenderam que o pai lhes havia transmitido uma certa experiência: "a felicidade não está no ouro, mas no trabalho". ("Experiência e pobreza").

O que pretendo neste texto não é construir uma teoria sobre a educação formal da instituição "escola" ou sobre a aprendizagem que deve estar presente na sala de aula; ou ainda investigar quais os passos (métodos) mais adequados para se alcançar um objetivo de uma determinada proposta pedagógica. Isso cabe à pesquisa "séria e objetiva". Meu intuito é mais modesto: buscar possível pista para *pensar*, *aquém* ou *além* das pesquisas e suas exigências de rigor, a experiência de um evento marcante na vida de todo indivíduo, convidando o leitor a se desfazer, talvez, de evidências e deixar de lado preconceitos, para descobrir, quem sabe, algo.

(*) Mestre e Doutor em Filosofia pela Universidade de LOUVAIN, Bélgica.
Professor da Faculdade de Educação da UNICAMP.